



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no I
Encontro Nacional sobre Biocombustível**

Brasília - DF, 30 de agosto de 2006

Meu caro Carlos Eduardo Moreira Ferreira, presidente da Confederação Nacional das Indústrias,

Meus companheiros e companheiras ministros de Estado, Dilma Rousseff, da Casa Civil; Luís Carlos Guedes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Silas Rondeau de Minas e Energia; Sérgio Rezende, de Ciência e Tecnologia; Walfrido Mares Guia, do Turismo; Pedro Brito do Nascimento, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Deputado Federal Armando Monteiro Neto,

Meu caro governador Marcelo Miranda, governador do estado de Tocantins,

Senhores embaixadores e representantes do corpo diplomático aqui presente,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Nossa querida Maria das Graças Foster, que um dia já se chamou Silva, presidente da BR Distribuidora,

Meu caro Raul Filho, prefeito de Palmas,

Meu caro e querido professor, Expedito Parente,

Meus amigos e amigas dirigentes da CNI, do Sesi, do Senai e do IEL,

Meus caros presidentes das Federações de Indústrias,

Empresários das associações, aqui presentes,

Meu caro Jair Meneguelli, presidente do Sesi,

Meus companheiros e companheiras,



Primeiro, quero dar os parabéns à direção da CNI por este evento. Depois, foi uma decisão sábia fazer aqui, dentro da sede da CNI, uma discussão sobre biocombustíveis, envolvendo amplos setores do empresariado brasileiro, para discutir o assunto.

Posso dizer para vocês que a paixão pelos biocombustíveis é de tal magnitude dentro do governo, que teria bem uns dez ministros preparados para vir aqui e passar horas e horas debatendo com vocês. Esse, na verdade, não é mais um biocombustível, é uma paixão governamental, empresarial, da agricultura e, sobretudo, do povo trabalhador deste País, porque o Programa, além da magnitude do biocombustível, tem a magnitude da biocidadania e de tantas outras bios que a gente vai criando pelo Brasil afora.

Envolver os empresários brasileiros nessa discussão significa discutirmos um pouco a inserção do Brasil no mundo. Antes de ler o meu pronunciamento, meu caro Armando, quero dizer uma coisa a todos vocês. Na verdade, nós seremos no século XXI aquilo que nós decidimos ser agora. Este País tem que ter a dimensão de que ele é grande; este País tem que ter a dimensão de que ele tem importância; este País tem que ter a dimensão de que ele tem conhecimento e inteligência para não viver a vida inteira com a mente dos seus dirigentes colonizada, dependendo que alguém olhe para nós com piedade, quando eu faço um empréstimo, quando eu faço uma concessão. Ninguém consegue ser grande pensando pequeno, ninguém, nem no Brasil e nem em lugar nenhum do mundo.

Todos os países que se transformaram em grandes nações, primeiro se definiram enquanto projeto de nação. E quando se define que tipo de nação queremos ser, nós colocamos a sociedade para construir o projeto que os nossos arquitetos da pesquisa, da política, da engenharia conseguiram colocar no papel.

Quando eu falo do biodiesel – eu me sinto sempre mais à vontade falando de improviso, mas eu vou ler um discurso aqui porque eu quero deixar



para vocês depois – eu quero dizer para vocês que é uma paixão, é uma paixão porque o professor Pedro Parente tem razão, o Expedito Parente, desculpem-me. Ele tem razão numa coisa: no Brasil, de vez em quando, a gente fica discutindo sempre quanto custa fazer as coisas: “Ah, eu não posso cuidar da educação porque custa muito, eu não posso fazer tal programa porque custa muito”. Na verdade, nós nunca nos perguntamos quanto custa não fazermos. Nós nunca paramos para perguntar o quanto custou não termos alfabetizado o Brasil na década de 50. Nós nunca paramos para perguntar e fazer um cálculo de quanto custou a este País não ter transformado o biodiesel em combustível, como política de Estado, nos anos 80.

Nós nunca nos perguntamos as coisas que não fizemos e sempre ficamos cobrando coisas mais difíceis do que as coisas que nós deixamos de fazer. E quando nós estamos discutindo, aqui, na sede nacional das indústrias brasileiras, sobre biocombustíveis, eu fico imaginando que a gente está discutindo a soberania nacional, a gente está discutindo a definição do Brasil que nós queremos para o século XXI, nós estamos discutindo qual o papel que o Brasil vai ter neste mundo globalizado.

Poder-se-ia pegar o problema do álcool, como exemplo. O álcool, professor Expedito, desde que foi criado, teve tantas oscilações, houve tanta falta de definição de política de Estado para o álcool, que nós chegamos ao absurdo de ter, num período da década de 90, 90% dos carros brasileiros a álcool e, na outra década, a gente ter zero de carro a álcool. Não é possível você compatibilizar um modelo de desenvolvimento se você passa para a cadeia produtiva as incertezas de um mercado que nunca tem uma definição. E hoje, é com muito orgulho que o etanol vive o seu momento mais extraordinário na política brasileira. Vive porque tem política de Estado na relação com ele, vive porque tem política de Estado na publicidade do que representa o etanol para o mundo, e vive porque os empresários estão mais compenetrados de que nós seremos mais respeitados quanto mais sérios formos nos



compromissos que assumirmos com os consumidores internos ou externos.

A introdução do biodiesel e dos biocombustíveis no Brasil como política energética passa por não permitir que nós cometamos os erros que cometemos em 1975, no caso do ProÁlcool. Nós vamos construir a coisa certa, cumprindo a nossa função de uma nova matriz energética, cumprindo a nossa função de gerar crescimento econômico para este País, cumprindo a nossa função de gerar riquezas, gerar renda e gerar justiça social. É esse o arcabouço de tudo o que nós fizemos até agora para que a gente chegasse onde nós chegamos. E podem ficar certos de uma coisa: em cada lugar do mundo onde eu chego, não me convidem para uma reunião, que vão ter que engolir um pouco do biodiesel com o folderzinho – agora já está feito em espanhol, também, em inglês – e vamos entregando, e vamos mandando para todo mundo, porque nós achamos que o mundo não pode ficar dependente de um combustível fóssil que a gente sabe que não volta mais ao preço anterior e que a gente sabe que tem fim.

Eu digo sempre o seguinte: nós agora vamos continuar a prospecção do petróleo, quatro ou cinco mil metros de profundidade, mas também vamos plantar petróleo. Plantar uma covinha de 30 centímetros, um pezinho de mamona, uma semente de soja, uma semente de girassol, uma semente de pinhão manso, um pezinho de dendê, a gente vai depois para 1 metro e 80, 2 metros, levantar a mão e tirar o petróleo que nós precisamos. Essa é uma revolução que está predestinada a ser do Brasil, se nós formos competentes, se nós acreditarmos. E se nós fizermos isso, certamente o mundo terá um lugar reservado para o Brasil enquanto potência econômica e enquanto potência energética. Daí a minha alegria de estar aqui na sede da CNI, podendo discutir este assunto.

Há momentos, na história das nações, em que avanços tecnológicos, transformações nas matrizes econômicas e a inclusão de segmentos sociais no centro de novas cadeias produtivas convergem na direção de transformar, para



sempre, sua geografia social e econômica. É nesses momentos de profunda transformação que os povos podem escrever, com suas próprias palavras, a história de seus países. É exatamente em tais períodos que sonhos e anseios por justiça e dignidade podem se tornar uma realidade palpável no dia-a-dia. Quando isso ocorre, se abrem as oportunidades para o verdadeiro desenvolvimento econômico e social. Estou falando do desenvolvimento que permita a inserção soberana no cenário internacional, com a redução das dependências financeiras e tecnológicas, do desenvolvimento que permite saber que, daqui a 10, 20 ou mais anos, contaremos com bases sólidas para avançar ainda mais. E estou falando principalmente da redução das injustiças que durante séculos construíram enormes fossos de desigualdade entre diferentes regiões de um mesmo país, em especial entre os seus cidadãos.

O crescimento econômico, a estabilidade financeira, o salto das exportações, o fortalecimento das instituições democráticas, a redução das desigualdades sociais, a expansão do mercado de trabalho e muitos outros fatores extremamente positivos nos mostram que estamos, de fato, vivendo um grande momento de transformação. A verdade é que o Brasil reencontrou o seu caminho e sua vocação, e é uma honra para mim, e acredito que para todos nós, poder estar vivo para ver e participar desse círculo virtuoso, no qual o tema que estamos debatendo aqui hoje tem especial e extraordinária importância.

O nosso País, afinal, tem tudo o que é preciso para ter, no biocombustível, o passaporte que lhe permitirá atravessar as fronteiras do desenvolvimento. Temos tecnologias inovadoras, temos uma forte base industrial, temos condições naturais, temos uma agricultura desenvolvida e uma crescente massa de famílias que reconquistaram o direito de produzir e viver dignamente em suas pequenas propriedades no Norte, Nordeste e Sul deste País. O que talvez seja a nossa mais importante riqueza, porém, é a democracia, é o diálogo franco e produtivo que nos permite construir, juntos,



sólidas políticas para enfrentar os grandes desafios nacionais.

Grande parte do sucesso do Programa Nacional do Biodiesel se deu, justamente, pelo fato de ele ter sido elaborado com a participação de empresários, de trabalhadores, de pesquisadores e cientistas. Mesmo se considerarmos apenas o governo federal, o fato de 12 Ministérios participarem do Programa mostra a nossa determinação em tratar o biodiesel com o maior número possível de pontos de vista. É por esse motivo que fiz questão de estar aqui neste encontro com os senhores e as senhoras, que representam setores industriais que, por diferentes razões, se relacionam com os biocombustíveis. Daqui sairão importantes comentários, sugestões e críticas aos nossos Programas para esta área. Tenho certeza que elas contribuirão para aperfeiçoarmos nossas iniciativas e, principalmente, para nos unirmos ainda mais nessa grande empreitada que está construindo uma nova opção estratégica para o nosso Brasil.

Minhas amigas e meus amigos,

Conquistamos a auto-suficiência em petróleo, aproveitamos o nosso imenso potencial hidrelétrico, com a consolidação da cadeia produtiva de biocombustíveis, e podemos visar uma meta ousada: nos tornarmos líderes mundiais em energia renovável. Há uma tendência mundial para a redução do uso dos combustíveis fósseis, seja pelos seus preços crescentes, seja pela necessidade inadiável de redução de gases, tão bem acordada no Protocolo de Kyoto. O biodiesel, o H-Bio, o álcool combustível e a biomassa passam, então, a ocupar o papel central como fonte de energia para o Planeta e, como disse anteriormente, temos tudo o que é necessário para aproveitar essa imensa janela de oportunidades.

O desafio que temos pela frente é grande, mas tenho certeza que as bases para os nossos avanços já estão lançadas. O programa do Biodiesel é o melhor exemplo. Lançado em dezembro de 2004, possibilitou que chegasse no dia de hoje com uma cadeia produtiva em plena atividade. A Petrobras e a



Agência Nacional do Petróleo já garantiram, por meio de leilões de compras futuras, a oferta de combustível para o ano de 2007, e a quantidade de indústrias instaladas ou em fase de construção mostra que poderemos cumprir, com folga, as metas de produção e de mistura obrigatória no diesel, que havíamos estabelecido para os próximos anos.

Quero, contudo, reafirmar o que já venho dizendo em outras reuniões sobre esse mesmo assunto: felizmente a produção do biodiesel deve crescer mais rapidamente do que havíamos previsto, mas não nos deixaremos levar pela empolgação nem colocaremos o carro na frente dos bois. Respeitamos o ritmo natural da implantação das indústrias, da formação do mercado e do fortalecimento da agricultura. Mais importante do que certificar rapidamente produtores e combustíveis que não tenham como garantir qualidade e oferta no futuro, mais importante do que antecipar metas e planejar um mercado com base em previsões demasiadamente otimistas, é consolidar a cadeia produtiva. E isso se faz, sim, com o apoio do Estado, mas nunca com a pressa desordenada com que, muitas vezes, foram feitas as coisas no Brasil.

Senhoras e senhores,

Em junho passado, eu tive a felicidade de ir à usina da Petrobras em Araucária, no Paraná, para assistir ao teste, em escala comercial, do H-Bio. Esse processo de refino do diesel foi desenvolvido e patenteado por nós, brasileiros, e permite que adicionemos um óleo vegetal ao petróleo, nas refinarias, gerando um diesel muito menos nocivo ao meio ambiente do que o diesel convencional.

Os impactos positivos que a adoção, em grande escala, desse processo traz para o Brasil são enormes. Podemos reduzir as importações do petróleo, utilizando no refino do diesel, e exportar tecnologia de refino. Podemos também criar um novo e estável mercado para a produção brasileira de soja e oleaginosas, que hoje está voltada principalmente para o mercado externo e com isso, fica a mercê das oscilações de preços na dança de *commodities*.



Ao mesmo tempo em que consolidamos essas novas tecnologias, estamos dando perspectivas inéditas àquele combustível que, nos anos 70, representou para nós a alternativa viável à crise do petróleo, o álcool combustível ou o etanol, como alguns costumam dizer.

Em conjunto com o Itamaraty, o Ministério da Agricultura e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, tomei a decisão de me comprometer pessoalmente com a inserção do nosso álcool nos mercados internacionais. Durante as viagens internacionais, faço questão de levantar esse assunto com os chefes de Estado dos países que mais consomem combustível no mundo.

A receptividade às ofertas está sendo grande, e tenho certeza de que resultará em grandes negócios para o Brasil, e nem poderia ser de outra forma, pois é urgente a demanda mundial por uma alternativa ao petróleo, que está cada vez mais caro e cada vez mais raro.

As perspectivas para o crescimento do mercado externo são as melhores possíveis e tenho a certeza de que um dia também exportaremos a tecnologia dos motores biocombustíveis, também nacional, e lá como aqui, isso só fará aumentar ainda mais a demanda por nossos biocombustíveis.

Minhas amigas e meus amigos,

Não me estenderei mais às informações sobre esse biocombutível, porque soube que a nossa querida ministra Dilma Rousseff já lhes deu um detalhado panorama sobre o setor na palestra que proferiu pela manhã. Quero registrar o meu agradecimento e o meu reconhecimento público ao papel da companheira Dilma Rousseff na criação do programa de biodiesel. Primeiro, no Ministério das Minas e Energia, que agora tem o companheiro Silas como protagonista e, agora, na Casa Civil, ela foi e está sendo, a grande responsável por unir especialistas, gestores públicos, empresários e trabalhadores num grande mutirão que está permitindo revolucionar a matriz energética brasileira.

Esta revolução pode ser vista pelo seu lado econômico, pelo seu lado



tecnológico, pelo seu lado estratégico em relação à soberania nacional, mas para que tenhamos a perfeita compreensão do que ela representa, não podemos deixar de lado seus aspectos ambiental e social.

Todos sabemos que os biocombustíveis poluem menos e, por serem provenientes de fontes renováveis, não geram os danos ambientais decorrentes das atividades extrativistas. Caso não tivéssemos uma legislação consistente e uma política ambiental estruturada e eficiente, poderíamos estar correndo o risco de transformar nossa aposta nos biocombustíveis em um incentivo para a expansão irresponsável e desordenada da agricultura sobre nossas áreas nativas. Felizmente, não é isso que ocorre.

Modernizamos nosso sistema de fiscalização, fortalecemos institucionalmente os órgãos de proteção ao meio ambiente e aumentamos, de forma muito expressiva, em extensão e quantidade, as áreas de conservação. Criamos um plano de desenvolvimento sustentável da BR-163, uma das áreas da Amazônia mais ameaçadas pelo desmatamento e pela expansão da agricultura. Ao mesmo tempo, iniciativas inovadoras como a Lei de Gestão de Florestas Públicas possibilitam atividades econômicas ambientalmente sustentáveis, especialmente na Amazônia, reduzindo assim o risco das derrubadas desenfreadas.

Podemos, por isso, garantir a nós mesmos e ao mundo que nossas florestas estão a cada dia mais seguras e os índices decrescentes de desmatamento são conhecidos por todos nós.

Quanto ao aspecto social dos biocombustíveis, é importante sempre lembrarmos que mais de 200 mil agricultores familiares estão integrados, com possibilidade de trabalharem em função dos leilões que fizemos para produzir, já em 2007, o que estava previsto produzir apenas em 2008, que são 840 milhões de litros de biocombustíveis. E esses números, graças aos compromissos assumidos pelas empresas que participaram dos leilões e ofertas futuras, poderão chegar, até o final do próximo ano, a 250 mil



trabalhadores já envolvidos no biodiesel. Estou falando de pessoas simples, assentados da reforma agrária ou pequenos sitiantes, que pela primeira vez na vida participam diretamente do nosso processo de desenvolvimento. O biodiesel conta, entre suas matérias-primas, com oleaginosas de fácil cultivo, que dispensam mecanização e se encaixam perfeitamente nas possibilidades de um pequeno produtor. Algumas matérias-primas podem utilizar terrenos que não são próprios para o cultivo de alimentos, em especial na sofrida região do semi-árido, e outras podem ser consorciadas com plantações tradicionais.

Além disso, por meio do Programa Selo Combustível Social, o governo está certificando as usinas que adquirem dos agricultores familiares parte de sua matéria-prima. As empresas que contam com esse selo têm direito a uma tributação diferenciada e podem participar dos leilões realizados pela Agência Nacional de Petróleo. O selo também é necessário para a empresa que se enquadra em uma linha específica que o BNDES criou para fomentar essas indústrias e que se consolida a cada dia. Seis empresas, com uma capacidade total de produção de 580 milhões de litros de biodiesel por ano, já apresentaram ao BNDES projeto de financiamento no valor de 256 milhões de reais. Dois desses projetos foram aprovados nos últimos meses, o da empresa BSBios e o da (inaudível), que juntas produzirão 215 milhões de litros de biodiesel por ano. A grande novidade que coube a mim anunciar agora é que uma terceira empresa acabou de ter um projeto de financiamento, no valor de 42 milhões e 800 mil reais, aprovado pelo BNDES, que é a empresa Caramuru Alimentos. E daí, uma salva de palmas para o empresário da Caramuru.

A empresa, que já produz óleo de soja, construirá agora uma usina de biodiesel também, utilizando o grão como matéria-prima, na cidade goiana de São Simão. Sua capacidade anual de produção será de 100 mil toneladas de combustível. Quero, portanto, dar os meus parabéns para a Caramuru, para o BNDES, aqui representado pelos seus presidentes Alberto Góis de Souza e o nosso querido Demian Fiocca. Tenha a certeza de que essa parceria que está



se iniciando irá gerar muitos frutos para as duas instituições e, principalmente, para as muitas famílias que serão empregadas pelo projeto.

Agradeço também a inestimável contribuição de todos os que vieram aqui para conhecer nossos programas, avaliar o seu funcionamento e, sobretudo, formular propostas conjuntas para o desenvolvimento da produção brasileira de biocombustível. Os senhores e as senhoras fazem parte de uma geração pioneira nessa nova era que se inicia tanto para nossa matriz energética, como para nossa inserção internacional, na qual a bioenergia será o fator que dará ao Brasil um papel cada vez mais destacado.

Meus amigos e minhas amigas,

Certamente metade do meu discurso foi falado no discurso da Dilma, de manhã. Até porque, se eu conheço as apresentações da Dilma, ela utiliza parte das coisas que eu falo, porque ela que me passa as coisas que eu falo, ou o Silas me passa as coisas que eu falo. Mas eu penso que, mais do que ler o meu discurso aqui e poder ver o professor Expedito Parente receber essa homenagem, eu fico me perguntando, professor, quantos pesquisadores e quantos cientistas nós temos no Brasil com boas idéias e, muitas vezes, não há ninguém para ouvir essas idéias. Às vezes as pessoas não têm paciência de ouvir, mas o Brasil vai fazer uma opção para as próximas décadas, de desenvolvimento, de muita educação e de muita distribuição de renda, porque só o crescimento não resolve os problemas do Brasil. Se não houver um crescimento e a distribuição de renda como parceira do crescimento ou como resultado desse crescimento, chegará um momento em que nós ficaremos atrofiados, como ficamos na década de 70, em que crescíamos 10% ao ano e, quando chegou a década de 80, nos deparamos com a necessidade de pagar o crescimento e vimos que não tínhamos feito política de distribuição de renda. Estávamos devendo bilhões e bilhões de dólares, não tínhamos feito a distribuição de renda correta e aí, passamos, praticamente, 20 anos em que a economia brasileira se arrastou, mais ou menos como o xaxado. Verdade.



Arrastava só o pé, porque se levantasse, gastava muita energia, e só veio a aparecer em 2001, quando o Brasil potente, vendido com galhardia nos quatro cantos do mundo, foi vítima de um apagão, que pouca gente esperava que fosse acontecer.

Então, cuidar da energia de um país é como cuidar do coração do país, ou seja, é preciso estar fazendo check-up cotidianamente, analisando por dentro e por fora, porque na hora em que a gente der qualquer sinal ao mundo de fragilidade no oferecimento de energia, quem será o louco que vai querer investir num país que não oferece energia? E na hora em que a gente coloca, aos olhos do mundo, multipossibilidades de oferecermos multicomcombustíveis ou várias matrizes de energia, o que nós estamos passando para o mundo? Nós estaremos passando para o mundo a certeza de que nós, governantes brasileiros, empresários brasileiros, de que nós, povo brasileiro, estamos levando este País a sério. E quando nós levarmos o País a sério, não há por que os outros não levarem o País a sério. Quem conhece o investidor estrangeiro, quem conhece o capital estrangeiro circulante no mundo sabe que ninguém coloca a mão em cumbuca, ninguém investe dinheiro para perder. E se nós quisermos, com essa possibilidade extraordinária de uma revolução na área energética, oferecer oportunidade de negócios a nós mesmos e ao mundo, a hora é esta. Muita seriedade, muita disposição de fazer investimentos, muita disposição do governo de disponibilizar crédito, para que a gente faça valer os discursos que todos nós fizemos aqui e possamos concretizar o sonho do professor Expedito Parente, de ver o Brasil se transformar, como eu sonho, em uma verdadeira e definitiva grande nação, onde todos possam comer três vezes ao dia, estudar e ter até possibilidade de chegar à Presidência da República.

Muito obrigado e parabéns.